

O CRUZAMENTO DE IDÉIAS E ANALOGIAS ENTRE VIRGÍNIA WOOLF E CLARICE LISPECTOR

PATRÍCIA SCARABOTTO NASRALLA.

Resumo

Ao ler Clarice Lispector nota-se, claramente, seu caráter intimista não-linear de escrever e, quando se penetra na biografia da autora, é comum encontrar alguma citação comparando-a a Virginia Woolf. O presente estudo visa apresentar possíveis relações presentes nas obras da escritora brasileira Clarice Lispector e da autora inglesa Virginia Woolf. Muito já foi estudado sobre a modernista-intimista, porém, não há nada concreto abordando as claras evidências entre as obras das autoras citadas. Muito já foi escrito sobre Clarice Lispector, principalmente, por sua forma não-linear de escrever e por sua complexidade de análise. Pensa-se, então, em inovar com um trabalho. Observando as obras de Clarice, percebe-se uma semelhança com as obras da escritora inglesa Virginia Woolf, tema de muitas pesquisas devido à sua complexidade de análise, assim como a autora brasileira. Virginia se tornou mais conhecida no Brasil no ano de 2003, após o lançamento do filme "As Horas" de Stephen Daldry (baseado no romance homônimo de Michael Cunningham). Essa dificuldade de análise e forma não-linear da escrita das duas autoras não poderia ser por acaso e tais similaridades não poderiam passar despercebidas aos olhos de um leitor atento. Dessa forma, foi definido, então, o tema central do trabalho: o cruzamento de idéias e analogias presentes nos contos das autoras em questão. Este trabalho é caracterizado como literatura comparada, ou seja, fazer contrastes de literaturas, encontrar nexos e pontos de ligação entre autores e obras. Preocupa-se não só em ver que uma literatura foi influenciada pela outra, mas, primordialmente, como Clarice se apropriou dos dados literários já existentes e os transformou com muita criatividade e originalidade. Não se quer julgar a importância de uma ou de outra autora, o que se pretende é mostrar as relações fortes existentes entre as escritoras.

Palavras-chave:

cruzamento de idéias, Clarice Lispector, Virginia Woolf.

Muito já foi escrito sobre Clarice Lispector, principalmente, por sua forma não-linear de escrever e por sua complexidade de análise. Pensa-se, então, em inovar com um trabalho. Observando as obras de Clarice, percebe-se uma semelhança com as obras da escritora inglesa Virginia Woolf, tema de muitas pesquisas, devido a sua complexidade de análise, assim como a autora brasileira. Virginia se tornou mais conhecida no Brasil no ano de 2003, após o lançamento do filme "As Horas" de Stephen Daldry (baseado no romance homônimo de Michael Cunningham).

Essa dificuldade de análise e forma não-linear de escrever das duas autoras não poderia ser por acaso e tais similaridades não poderiam passar despercebidas aos olhos de um leitor atento. Dessa forma, foi definido, então, o tema central deste trabalho: o cruzamento de idéias e analogias presentes nos contos das autoras em questão.

Este trabalho é caracterizado como literatura comparada, ou seja, fazer contrastes de literaturas, encontrar nexos e pontos de ligação entre autores e obras. Preocupa-se não só em ver que uma literatura foi influenciada pela outra, mas, primordialmente, como Clarice se apropriou dos dados literários já existentes e os

transformou com muita criatividade e originalidade. Não se quer julgar a importância de uma ou de outra autora, o que se pretende é mostrar as fortes relações existentes entre as escritoras. Pretende-se enriquecer ainda mais a literatura mundial e, por isso, a importância no estudo das relações entre as manifestações literárias do passado e do presente, ressaltando a evolução dos estilos e as influências estéticas que foram passadas após muitos anos.

As áreas de principal interesse são os contos das autoras em questão, as orientações críticas e a historiografia literária, incluindo pesquisas que mostram a construção e o poder da mulher no mundo literário.

A partir da leitura dos conto *Felicidade*, de Virgínia Woolf; e *Felicidade Clandestina* de Clarice Lispector, foram estabelecidas comparações entre as obras das duas autoras, com o intuito de encontrar características em comum que comprovem a tese. A intenção é mostrar o que está presente nas entrelinhas, a presença de Virginia Woolf em Clarice Lispector. Mesmo sem haver uma influência direta, há o cruzamento de idéias presentes em seus contos.

A LITERATURA COMPARADA - ANÁLISE DOS CONTOS

A escolha dos contos

Os contos escolhidos para análise, que visam fornecer credibilidade à tese foram: *Happiness* de Virginia Woolf e *Felicidade Clandestina* de Clarice Lispector.

O conto de Woolf foi retirado do livro *Contos Completos*, a narrativa em *Happiness* é considerada incondicional devido ao introspecto dos personagens. Tudo acontece graças ao fio branco na calça do protagonista Stuart Elton. É um verdadeiro paradoxo sobre o que é ser feliz, o que cada personagem considera felicidade, como este sentimento pode provocar inveja e egoísmo nas pessoas.

O conto *Felicidade Clandestina*, como foi exposto anteriormente, foi retirado do livro de mesmo título. Existe uma busca dentro da trama que prende o leitor, pois é muito interessante o relacionamento que a personagem tem com o sentimento de felicidade. Assim como no conto de Virginia, este sentimento é ressaltado durante a leitura nas entrelinhas.

O CONTO DE VIRGINIA - "Happiness"

Por meio de um narrador em 3ª pessoa, classificado como Extradiegético, é que se obtém conhecimento da vida de Stuart Elton e mrs. Sutton, personagens protagonistas do conto; ambos intitulados Planos, pois são qualificados desde o início da narração. Principiando a análise pelo Nível Fabular, no qual se encontra inserido no Plano do Enunciado, pode-se dizer que um fio branco é o causador de uma avalanche de sensações, que se assemelham à "uma pétala de rosa caindo", pois ao dobrar para tirá-lo, o Actante Sujeito - Stuart Elton - é invadido por sentimentos jamais sentidos nos seus 45 anos de vida.

Em função do estado sublime em que se encontrava, Stuart havia, por um momento, se desligado da conversa que mantinha com mrs. Sutton, caracterizada tanto como Ajudante como Oponente, o que será explicado posteriormente. No

momento do ato descrito acima, ela discursava sobre assuntos pessoais ligados ao fato de ter algumas dificuldades por sua família ser do interior. Em seguida, sente-se incomodada por estar falando muito de si mesma e acrescenta:

- *"Você me parece ser, de longe, a pessoa mais feliz que eu conheço."*

O que possibilita não apenas uma interpretação, pois admite-se a idéia tanto a um sentimento de admiração, quanto de inveja, proporcionando margem às caracterizações efetuadas anteriormente. Posteriormente, mrs. Sutton faz uma citação que comprova o sentimento de inveja:

- *"Fosse como fosse, disse Mrs. Sutton, de todos os seus amigos ele era o que ela mais invejava. Ele parecia ter tudo, ela nada."*

Para confirmar tal afirmação, ambos os personagens fazem uma comparação entre tudo o que possuem, o resultado é que Stuart, mesmo tendo alguns problemas, conseguia ser feliz, enquanto mrs. Sutton, com sua vida aparentemente perfeita, não tinha tal talento. No entanto, ela não se conformava, pois até de suas próprias doenças ele ria:

- *"Ora essa!, ela exclamou...Para ele, até sua própria doença é motivo de riso."*

Após essas citações, a narradora expõe o desejo de aquisição do sentimento de Stuart, por parte de mrs. Sutton:

"... tentando extrair alguma coisa dele, uma pista, uma chave, uma orientação, invejando-o, indignando-se e sentindo que, se ela, com seu alcance emocional..."

Ou seja, aquilo que a personagem de dupla função queria realmente adquirir era o sentimento de felicidade que Stuart possuía - Actante objeto, desejo do oponente.

No entanto, ao perceber o que realmente estava acontecendo, o personagem protagonista tenta se reservar para que seu tesouro seja guardado com o máximo de segurança possível, mas, concomitantemente, sente-se instigado a provocar aquela que o ameaçava, e foi isso que fez, quando disse que havia ido à Kew na tarde daquele dia. Nesse momento, Stuart sente que sua segurança está abalada, pois descreve se sentir "em uma floresta, perseguido por lobos". A partir desse impasse vivenciado pelo actante sujeito, pode-se concluir que ele sentia necessidade de guardar seu sentimento mais precioso, porém, ao mesmo tempo, sentia que precisava demonstrar essa qualidade a alguém, mesmo que para isso colocasse em risco o seu talento mais precioso:

- *"Ele não lhe diria; ele devia dizer-lhe. Hoje à tarde fui a Kew".*

"Acossado pela esfomeada alcatéia que lhe vinha no encalço, preocupando-se agora com o pedacinho de biscoitos que lhes tinha jogado com as palavras 'Hoje fui a Kew', Stuart se recordava das sensações que lhe eram possíveis apenas quando estava em Kew, pois neste local, ele sentia ter domínio sobre as dificuldades da vida, tornando-as extremamente fáceis, como "escolher isso ou aquilo, ir ali ou acolá".

O fluxo de seus pensamentos é interrompido pela questão "A Kew sozinho? Só você mesmo?" Assim, de novo essa loba mrs. Sutton o fazia lembrar-se; "sozinho sim; totalmente sozinho". A loba devoradora ainda o questionou mais uma vez para ter a confirmação de que ele realmente estava lá só, e era isso que ela não conseguia

compreender, como ele poderia ser feliz estando totalmente só. Em seguida, ocorre o momento de epifania mais marcante - pois o instante de reflexão permeia a narrativa por completo - em que o personagem protagonista faz uma reflexão sobre o estado místico de felicidade que, em sua opinião, a muitos aprisionava, porém a ele, libertava:

" Deixava-o livre de toda dependência de qualquer um e qualquer coisa. "

Após o momento de epifania, Stuart conclui que o sentimento de felicidade não era nada que "os lobos da floresta pudessem destruir", contudo, se era algo que surgia de maneira tão inexplicável assim, dessa mesma forma poderia se ir, como ele havia sentido ao sair de Kew.

O desfecho da narração se dá em seguida da conclusão do pensamento de Stuart, de que como tudo na natureza pode se alterar, o seu sentimento também poderia. Esta conclusão o deixou extremamente ansioso, pois "esse tesouro que foi dele tinha sido dele era dele deveria ser sempre dele", com isso, sem direcionar sua atenção, em mínimo, à mrs. Sutton, ele partiu do cômodo da casa em que estavam, para buscar um objeto, no caso, um cortador de papel, e se sentiu aliviado pelo fato de ainda o ter.

Em todo o conto, Virginia Woolf utiliza inúmeras vezes recursos metafóricos, como, por exemplo, quando cita os lobos da floresta se referindo a mrs. Sutton e, no encerramento da narração, utilizando o cortador de papel simbolizando o sentimento de posse de Stuart em relação a sua felicidade. Concluindo a explicação em relação à personagem mrs. Sutton, ela pode ser caracterizada tanto como Oponente quanto como Ajudante; oponente pelo desejo de aquisição do Objeto do Actante sujeito e Ajudante, pois Stuart notou sua relação de posse com a felicidade devido às ações de aquisição de mrs. Sutton. Dessa forma, ela se torna, concomitantemente, Ajudante e Oponente. Ainda é importante salientar que o Nível Fabular do conto define a narrativa por um esquema de enclave, em que uma seqüência elementar se encaixa dentro de outra seqüência e, antes que a primeira termine.

Para encerrar, utilizando o Nível Descritivo, com as análises de Tempo e Espaço, nota-se que o tempo é movido por meio do Fluxo da Consciência, em que a personagem é levada pela área dos seus processos mentais de um estado psíquico a outro. Além disso, nota-se, também que o tempo é linear, pois os acontecimentos são narrados de acordo com a ordem cronológica. O espaço pode ser horizontal - humano, natural - que é notado apenas em "Kew Gardens", situado em Londres, Inglaterra. Já a floresta descrita por Stuart Elton é caracterizada como vertical/não-dimensional - pois é um espaço interior e subjetivo.

O CONTO DE CLARICE - Felicidade Clandestina

Levando em consideração os elementos da Teoria Prosa, na qual a análise será baseada, o que se segue é a epitome da narração, que se encontra no Plano do Enunciado, introduzida no Nível Fabular por meio da Seqüência da Narrativa Elementar. O conto se inicia com uma citação de adjetivos derrotistas depreciando uma das protagonistas:

" Ela era gorda, baixa sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meios arruivados. "

Essas características negativas são referidas pela narradora - personagem principal, caracterizada como Actante Sujeito e Narradora Intradiegética / Autodiegética - a qual participa do enredo ativamente. Em seguida, enfatiza características positivas dela própria e de outras colegas, efetuando uma comparação entre estas e a garota citada primeiramente:

"Tinha um busto enorme, enquanto nós todas ainda éramos achatadas..."

No entanto, apesar da caracterização negativa, a colega em questão possuía algo que, praticamente, neutralizava todos os seus defeitos: tinha um pai dono de livraria. Contudo, mesmo tendo aquilo que toda criança apaixonada por leitura sonharia, a garota depreciada não aproveitava o que possuía, fato que enfurecia mais ainda as outras colegas

"Pouco aproveitava. E nós menos ainda: até para aniversário, em vez de pelo menos um livrinho barato, ela nos entregava em mãos um cartão postal da loja do pai."

Ou seja, além de não desfrutar do imenso prazer da leitura, ainda era egoísta, pois não proporcionava esse prazer nem às amigas. A garota queria demonstrar uma relação de posse, de equilíbrio, pois as colegas podiam ter qualidades físicas, mas quem possuía um acervo literário era ela. Devido à crueldade que demonstra desde o início do texto, constata-se a presença de uma personagem Plana - qualificada psicologicamente no princípio da narração - exercendo função de Actante Oponente, que tentará impedir a realização da ação desejada pela Actante Sujeito.

A narradora do conto - personagem Esférica, que não é qualificada psicologicamente - mostra-se, apenas, uma leitora insaciável, que, por esse prazer, era capaz de se submeter às mais cruéis humilhações sem ao menos perceber, pois não possuía condições financeiras para saciar sua vontade. Todavia, haveria ainda humilhação maior, o dia em que a colega lhe informou que possuía "As renações de Narizinho", obra que exerce função de Actante Objeto, ou seja, objeto de desejo do Actante Sujeito. A partir desse ponto, a filha do dono da livraria inicia uma breve sessão de "tortura chinesa" sobre a protagonista, dizendo que emprestaria o livro à amiga, bastando ela passar em sua casa no dia seguinte para buscá-lo. Então, a exímia leitora, em sua ingenuidade infantil, praticamente não viveu até o dia seguinte, era como se ela apenas esperasse o tempo passar:

"Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança da alegria: eu não vivia, eu nadava devagar num mar suave, as ondas me levavam e me traziam."

Retomando a seqüência da Narrativa Elementar, nota-se exatamente nesse ponto da diégese o momento da Virtualidade, em que a narradora encontra a possibilidade da realização de uma ação. Porém, quando pensava estar se aproximando do seu objeto de desejo, houve a primeira decepção:

"Olhando bem para meus olhos, disse que havia emprestado o livro a outra menina, e que eu voltasse no dia seguinte para buscá-lo."

Mas, a protagonista se mantinha auspiciosa, vivia em função da possibilidade de obter o que queria. No entanto, mal sabia a pobre criança que o drama do "dia seguinte" estava apenas começando, pois o plano da filha do dono da livraria ia além da imaginação infantil e o tempo dessa tortura é caracterizado como "indefinido", que marca a Actante Sujeito não só psicologicamente, mas, também, fisicamente.

Não se sabe exatamente o tempo que a protagonista viveu esse cotidiano torturado até que realizasse a Passagem ao ato, que é o processo de realização da ação descrita na Virtualidade.

Em um dia, que se seguia exatamente como os outros, houve um fato desavindo, enquanto a personagem principal estava à porta da Oponente ouvindo o mesmo pretexto desanimador, a mãe daquele pequeno ser capaz de tanta crueldade, sem conjecturar o que estava acontecendo e intrigada de ver a colega da filha batendo à sua porta todos os dias, foi interrogá-las para compreender o fato cotidiano. Ao notar a maneira com que a filha estava agindo, surpreendeu-se e executou o ato esperado, entregou o livro à narradora dizendo:

- *"E você fica com o livro por quanto tempo quiser."*

Com isso, constata-se que a esposa do dono da livraria é referida como Actante Ajudante, pois é ela quem fornece à jovem leitora a preciosidade que esta há tanto ansiava; sem contar que, para ela, o fato de ter permissão para ficar com a obra por quanto tempo quisesse, era mais valioso do que ter, propriamente, ganhado o livro.

Em seguida, a leitora, então realizada, diz ser impossível narrar o que se seguiu, que se lembra, apenas, de não ter dito nada e segurado o "tesouro" com muita força. No entanto, ao chegar em casa, a narradora não deu início à leitura, pois queria fingir que não o tinha, que não havia a possibilidade de lê-lo:

"...fingi que não sabia onde guardava o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade."

Neste trecho, pode-se notar o momento de Epifania, em que a personagem, por meio do fluxo da consciência, é levada a uma reflexão da vida, a qual é intencionada por um fato cotidiano.

Após o momento de epifania, a personagem retorna à realidade com o seguinte comentário:

" Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante."

O que indica a narração de uma lembrança de um fato do passado da personagem - protagonista, fato esse compreendido integralmente na sua maturidade. Com o desfecho da narração e o encerramento da análise, conclui-se que o resultado foi positivo, pois a realização da ação foi efetuada e houve, por parte da narradora, perfeita compreensão de acontecimentos transcorridos em uma época remota.

Para rematar a análise do Plano do Enunciado, será utilizado o Nível Descritivo, o qual engloba as divisões Espaço e Tempo. Quanto ao Espaço, pode-se caracterizá-lo tanto como Horizontal - espaço humano, natural, seguro - quanto Vertical / Não - dimensional - espaço interior, subjetivo, do eu que fala. Já o tempo é movido por meio do Fluxo da Consciência, em que a personagem é levada pela área dos seus processos mentais de um estado psíquico a outro. Além disso, nota-se, também que o tempo é Linear, pois os acontecimentos são narrados de acordo com a ordem cronológica.

Literatura Comparada: Cruzamento de idéias

A partir da leitura dos contos *Happiness*, de Virgínia Woolf, e *Felicidade Clandestina*, de Clarice Lispector, estabelece-se comparações entre as obras das duas autoras, principalmente, quanto ao gênero literário. Na introdução das análises, são traçadas algumas aproximações entre Virgínia e Clarice, no plano estético que comprovam o cruzamento de idéias e analogias entre os contos das escritoras.

Após a leitura dos contos, pode-se notar evidentes semelhanças entre eles. Em um primeiro plano, percebe-se que os dois fazem referência ao sentimento felicidade, levando seus personagens a refletirem sobre o valor do sentimento para cada um deles.

Em *Felicidade Clandestina*, quando a narradora adquire seu objeto de desejo nota que perdeu o sentimento de felicidade que sentia quando pensava em tê-lo, ou seja, o sentimento de felicidade ao conseguir o livro foi tão intenso, que ela queria senti-lo novamente, porém, ela já tinha o objeto em suas mãos; então, para retomar a sensação que havia vivenciado, ela cria maneiras Clandestinas para obter essa Felicidade:

Já em *Happiness*, Stuart Elton é instigado por mrs. Sutton a refletir sobre o seu sentimento e, nessa reflexão, ele nota que a forma como a felicidade chegava até ele, era diferente do que com os demais.

O sentimento de inveja, também, é um ponto em comum entre as personagens caracterizadas como Oponentes. No conto de Clarice Lispector, a garota, filha do dono da livraria, sente inveja em relação às características físicas da colega e no conto de Virginia Woolf, mrs. Sutton não esconde sua vontade de extrair o talento que Stuart possuía para ser feliz:

Em relação ao Tempo e ao Espaço das narrativas, nota-se que as denominações são as mesmas; em *Felicidade Clandestina* o Espaço Horizontal são as ruas do Recife e em *Happiness* é Kew Gardens.

Já o Vertical pertence à consciência dos personagens, é o espaço interior de cada um. Um exemplo do espaço vertical, em *Happiness*, é quando Stuart, sentindo sua segurança abalada por ter dito a mrs. Sutton que foi a Kew, sente-se em uma floresta. Em *Felicidade Clandestina*, quando a narradora se sente auspiciosa, pensando que seria fácil adquirir seu objeto de desejo, nota-se um exemplo do espaço Vertical /não-dimensional.

O tempo, marcado pelo Fluxo da Consciência é um dos ponto-chave entre os contos, pois essa é uma das características mais salientadas entre as autoras que estão sendo comparadas. Diferentemente dos outros enredos que embalam as narrações, norteados pela seqüência das ações dos personagens, a escrita Woolf e Lispector se norteia por meio da consciência, pelo fluxo dos pensamentos dos personagens. Pode-se notar, que, em alguns trechos de *Felicidade Clandestina*, o tempo, além de não ser definido, é guiado pela consciência da narradora, pois não há citação de quanto tempo foi transcorrido desde o início da narração até o seu desfecho, sendo que se tratava da lembrança de um acontecimento.

No conto da autora inglesa, percebe-se que há interrupções bruscas durante a seqüência da narração; essas interrupções ocorrem devido ao fato de o tempo estar sendo dirigido pelo fluxo da consciência dos personagens. A descrição dos ambientes é feita de forma secundária, sem importância; a relevância está nos

aspectos psicológicos, na revelação dos sentimentos mais profundos dos personagens, por isso, a descrição das localizações não tem prioridade. Em *Felicidade* ocorre o mesmo, há uma descrição de Kew, porém, apenas para salientar a segurança perante seu sentimento que Stuart sentia.

E, para concluir a análise entre os contos, será exposta agora a característica de maior importância para essa comparação: o momento de epifania, em que ocorre a súbita revelação na natureza interior do personagem, o momento em que há a reflexão sobre um fato do cotidiano que o instiga e o faz se voltar para o seu eu interior. No conto brasileiro, o momento de epifania é quando a narradora percebe que sua felicidade é clandestina. No conto inglês, a epifania ocorre quando Stuart reflete sobre o significado da felicidade para ele.

Considerações Finais

Ao término da jornada em busca do cruzamento de idéias e analogias nos contos de Virginia Woolf e Clarice Lispector, na qual foram confrontados os contos das autoras em questão, é importante realizar uma retrospectiva.

As duas são escritoras modernistas, período de renovação literária, e inovaram mesmo, trouxeram vida própria às personagens, conseguiram fazer com que o leitor invadisse a mente de seus protagonistas conhecendo profundamente seus anseios, medos, vontades, complexos, enfim, o leitor teve a oportunidade de conhecer um ser humano por dentro.

Investigando como se dá a relação intertextual entre as escritoras, nota-se que muitos dos recursos literários utilizados pela escritora inglesa são mantidos, reescritos ou reinventados pela autora brasileira.

Constata-se que a hipótese de uma comparação entre as escritoras seria muito possível, ambas se utilizam de uma visão interna de suas personagens, questionam valores familiares e mostram como o ser humano pode ser conturbado internamente, sempre cheio de dúvidas, questionamentos, valores. Através desta invasão à consciência das personagens, as escritoras utilizam o recurso do monólogo interior.

O estudo comparativo mostrou que as duas escritoras, em seus contos, trabalham o ficcional, a introspecção, o fluxo de consciência, porém não se distanciam do real. Encontram-se dramas existenciais, pessoais, sempre acompanhados de questionamentos do ser e da busca deste ser por algo. Em seus textos, sempre há um preço a se pagar pelas escolhas feitas ou não pelas personagens. Percebe-se, ainda, que a criação e a realidade caminham juntas.

O fato das autoras abordarem a consciência das personagens, estas fazem constantes reflexões sobre sentimentos, questionam-se a respeito da existência e encontram-se, quase sempre, em desarranjos na vida social. Elas se comportam dessa forma porque são inadaptadas à realidade em que vivem, supõe-se que demonstram estarem voltadas para a explicação da existência do sujeito na realidade, para a essência do sujeito.

Um outro fator interessante nas obras analisadas é a questão da alienação das personagens, o que não quer dizer que a literatura seja alienada. Muito pelo contrário, as realidades concretas são abordadas, mas evidenciam a ausência de ligações mais profundas entre os membros da sociedade, focalizando uma oposição: em meio a uma rotina turbulenta, abarrotada de afazeres, a diégese é narrada de em ritmo lento. Há também um paradoxo, pois os fatos são tratados por uma consciência individual e isolada do contexto, ou seja, inserido em uma realidade permeada de seres, sentimentos, afazeres, a maioria das personagens se sentem sós, pois estão voltadas para o seu próprio "ser" no mundo.

Em vista da pesquisa efetuada, tendo como base os aspectos semelhantes analisados nos contos *Happines*, de Virginia Woolf e *Felicidade Clandestina*, de Clarice Lispector, conclui-se que é visível a existência de um cruzamento de idéias e analogia nas obras das autoras estudadas.

Referências Bibliográficas:

ABDALA JÚNIOR, B; CAMPEDELLI, S.Y. , Tempos da Literatura Brasileira, 6ª edição, São Paulo: Ática, 2004.

PONTIERI, R. , Clarice Lispector - Uma Poética do olhar, 2ª edição, São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

BARDIN, Laurence Análise de Conteúdo, Lisboa: Edições 70, 2002.

CAMPEDELLI, S. Y; ABDALA JÚNIOR, B. , Clarice Lispector - Literatura Comentada, 1ª edição, São Paulo: Abril Educação, 1981.

NOLASCO, E. C. , Restos de ficção - a criação biográfico - literária de Clarice Lispector, 1ª edição, São Paulo: Annablume, 2004.

SELLERS, S. , Virginia Woolf's diaries and letters. In: The Cambridge Companion to Virginia Woolf, Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

CALADO, C. , A Tradução para o português da iconicidade em *The Waves*, de Virginia Woolf, por Lya Luft, 2007, Dissertação (Mestrado Acadêmico em Lingüística Aplicada) - Universidade Estadual do Ceará, Ceará, 2007.

LISPECTOR, Clarice, *Felicidade Clandestina*, Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

ROSEMBAUM, Y., *Metamorfose do mal: uma leitura de Clarice Lispector*, São Paulo: Editora da USP, FAPESP, 1999.

NUNES, B. *O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector*, 2ª edição, São Paulo: Ática, 1995.

ANEXOS

Anexo 1 - *Hapinnes*

Anexo 2- *Felicidade Clandestina*

Conto “Happiness”, Contos Completos”, Editora Cosac & Naify – São Paulo, 2005.

Quando Stuart Elton se dobrou para tirar de sua calça, com um peteleco, um fio branco, o gesto banal, seguido como foi por um deslizamento e avalanche de sensação, assemelhou-se a uma pétala de rosa caindo, e Stuart Elton, ao se endireitar para retomar a conversa com mrs. Sutton, sentiu-se constituído de pétalas, muitas, firme e compactamente sobrepostas umas às outras, e todas avermelhadas, todas de lado a lado aquecidas, todas colorizadas por esse inexplicável brilho. Caiu pois uma pétala, assim que ele se dobrou. Nunca havia sentido isso – não – quando era jovem, e agora, aos quarenta e cinco anos, bastou ele se dobrar para tirar um fio da calça para que impetuosamente isso descesse a vara-lo, essa bela e ordeira percepção de vida, esse deslizamento, essa avalanche de sensação, estar em sintonia com o todo, quando voltou a se apumar recomposto – mas o que era que ela estava dizendo?

Mrs. Sutton (arrastada pelos cabelos ainda por cima dos restolhos e pelos altos e baixos da terra lavrada da meia-idade em princípio) estava dizendo que empresários lhe haviam escrito e até marcado encontros com ela, mas que nada dera em nada. Tudo para ela se tornava assim tão difícil porque não tinha ligações normais com o teatro, já que seu pai e toda a sua família eram pessoas simples do interior. (Foi então que Stuart Elton tuiu o fio da calça.) Ela parou; sentiu-se reprovada. Mas Stuart Elton, sentiu também, quando o viu dobrar-se, tinha o que ela queria. E, quando ele se reergueu, procurou desculpar-se – dizendo que falava muito de si – e acrescentou:

“Você me parece ser, de longe, a pessoa mais feliz que eu conheço”.

O que soava em curiosa harmonia com o que ele tinha pensado e com a impressão de suave deslizamento de vida seguido de reajuste ordeiro, a impressão da pétala caindo e de uma rosa completa. Mas seria isso “felicidade”? Não. A palavra tão grande não parecia encaixar-se, não parecia referir-se àquele estado de ser que espralava em lâminas rosadas em torno de uma luz refulgente. Fosse como fosse, disse mrs. Sutton, de todos os seus amigos ele era o que ela mais invejava. Ele parecia ter tudo; ela, nada. Ambos contaram – cada qual tinha dinheiro bastante; ela, um marido e filhos; ele, sua solteirice; ela estava com trinta e cinco anos; ele, com quarenta e cinco; ela nunca adoecera na vida e ele, como disse, era efetivamente mártir de alguma complicação interna – sonhava o dia todo em comer lagosta, mas não podia nem tocar em lagosta. Ora essa!, ela exclamou, como se enfiasse os dedos nalguma. Para ele, até sua própria doença era motivo de riso. Seria isso contrabalançar as coisas, ela perguntou? seria senso de proporção, seria? Seria o quê, perguntou ele, sabendo muito bem o que ela queria dizer, mas acautelando-se diante dessa mulher insensata e destrutiva com seus modos estouvados, seu vigor e seus dissabores, que gostava de um rolo e tratava escaramuças, que era capaz de abater e desfazer essa própria fruição tão valiosa, essa percepção do existir – duas imagens lhe vieram de relance e simultaneamente à cabeça – uma bandeira ao vento, uma truta num rio – equilibradas, balançadas, num fluxo de sensação límpida fresca clara luminosa lúcida tilintante invasiva que como ar ou o rio o mantinha de tal modo apumado que, caso ele movesse a mão, caso se dobrasse ou dissesse qualquer coisa, desalojaria a pressão dos inumeráveis átomos de felicidade que se uniam para suspendê-lo de novo.

“Você não liga para nada”, disse mrs. Sutton. “Não se altera com nada”, disse desajeitadamente, lambuzando-o à volta de respingos e sobras como um homem que aqui e ali bota massa tentando assentar tijolos, enquanto ele permanecia lá bem calado, bem reservado, bem secreto; tentando extrair alguma coisa dele, uma pisa, uma chave, uma orientação, invejando-o, indignando-se com ele e sentindo que, se ela, com seu alcance emocional, sua paixão, sua capacidade, suas prendas, tivesse isso acrescido a si, poderia ser de imediato a própria rival de mrs. Suddons.¹ Ele não lhe diria; ele devia dizer-lhe.

“Hoje à tarde fui a Kew”, ele disse, dobrando o joelho para dar-lhe um peteleco de novo, não porque ali houvesse um fio branco, mas para certificar-se, ao repetir o gesto, de que sua máquina, tal como estava, estava em ordem.

Assim alguém, perseguido numa floresta por lobos, rasgaria pedaços da própria roupa e quebraria uns biscoitos para atira-los às infelizes feras, sentido-se quase mas não de todo seguro em seu alto e veloz e protegido trenó.

Acossado pela esfomeada alcatéia que lhe vinha no encalço, preocupando-se agora com o pedacinho de biscoito que lhes tinha jogado – com aquelas palavras “Hoje à tarde fui a Kew” – Stuart Elton se lançou diante dos lobos em desabalada carreira para um regresso a Kew, ao pé de magnólia, ao lago, ao rio, levantando bem a mão para espantá-los. Em meio às feras (pois o mundo parecia repleto de uivantes lobos agora), lembrou-se de pessoas que lhe faziam convites para almoçar ou jantar, ora aceitos, ora não, e da impressão que lá tivera, na faixa ensolarada de grama em Kew, de completo domínio, de ser tão simples manejar a bengala quanto escolher isso ou aquilo, ir ali ou acolá, quebrar biscoitos em pedaços e arremessá-los às feras, ler tal coisa, olhar tal outra, encontrar qualquer um ou uma, alojar-se em aposentos de algum bom companheiro – “A Kew sozinho?”, repetiu mrs. Sutton. “Só você mesmo?”

Ah!, a loba gritou no seu ouvido. Ah!, suspirou ele, enquanto por um instante pensava no ah suspirado nessa tarde à beira do lago, perto de uma mulher que nordava um pano branco debaixo de uma árvore e gansos que bamboleavam passando, pois ele tinha suspeitado ao ver a cena de sempre, namorados de braços dados, lá onde havia agora essa paz, a saúde que tinha sido uma vez lá ruína temporal desespero; assim de novo essa loba mrs. Sutton o fazia lembrar-se; sozinho sim; totalmente sozinho; mas ele se refez, como havia então se refeito quando os jovens passaram, agarrando-se isso, a isso, fosse lá o que isso era, e apertando-o contra si para seguir em frente com pena deles.

“Totalmente sozinho”, repetiu mrs. Sutton. E disse que era isso que ela não podia entender, num desesperado arremesso de sua cabeça coroada por cabelos escuro brilhante - ser feliz estando totalmente só.

“Sim”, ele disse.

Na felicidade há sempre essa exaltação espantosa. Não é animação; nem arroubo; nem louvor, celebridade ou saúde (ele não conseguia andar três quilômetros sem se sentir estafado), é um estado místico, um transe, um êxtase que, embora ele fosse ateu, cético, não batizado e tudo mais, tinha, suspeitava, certa afinidade com o êxtase que transformava homens em padres, que levava mulheres no vigor da mocidade a se arrastar pelas ruas com rufos engomados e eu mais pareciam ciclames rodeando seus

rostos e lhes empedrava os olhos e os lábios; mas com uma diferença; àqueles, isso aprisionava; a ele punha em liberdade. Deixava-o livre de toda dependência de qualquer um e qualquer coisa.

Mrs. Sutton também sentia isso, enquanto esperava que ele falasse.

Sim ele iria para o seu trenó e saltar, deixar que os logos se juntassem todos em volta, fazer afagos nos seus pobres e rapaces focinhos.

“Kew estava uma beleza – cheio de flores – magnólias azaléias”, ele nunca conseguia se lembrar dos nomes e disse assim para ela.

Não era nada que eles pudessem destruir. Não; mas se era algo que vinha de modo tão inexplicável assim assim poderia ir-se, como ele havia sentido ao sair de Kew, ao subir a pé beirando o rio até Richmond. Um galho, por que não?, poderia cair; poderia a cor se alterar; o verde tornar-se azul; ou uma folha estremecer; e isso já seria bastante; sim; já seria bastante destroçar-se, despedaçar-se, destruir a fundo essa espantosa coisa do milagre, esse tesouro que foi dele tinha sido dele era dele deveria ser sempre dele, pensou ficando impaciente e ansioso e sem pensar em mrs. Sutton deixou-a bruscamente e andou atravessando a sala para apanhar um cortador de papel. Sim; tido bem. Ele ainda o tinha.

Conto " Felicidade Clandestina", extraído no livro "Felicidade Clandestina", Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1998.

Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme, enquanto nós todas ainda éramos achatadas. Como se não bastasse, enchia os dois bolsos da blusa, por cima do busto, com balas. Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria.

Pouco aproveitava. E nós menos ainda: até para aniversário, em vez de pelo menos um livrinho barato, ela nos entregava em mãos um cartão-postal da loja do pai. Ainda por cima era de paisagem do Recife mesmo, onde morávamos, com suas pontes mais do que vistas. Atrás escrevia com letra bordadíssima palavras como "data natalícia" e "saudade".

Mas que talento tinha para a crueldade. Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres. Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia.

Até que veio para ela o magno dia de começar a exercer sobre mim uma tortura chinesa. Como casualmente, informou-me que possuía *As Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato.

Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o dormindo-o. E completamente acima de minhas posses. Disse-me que eu passasse pela sua casa no dia seguinte e que ela o emprestaria.

Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança da alegria: eu não vivia, eu nadava devagar num mar suave, as ondas me levavam e me traziam.

No dia seguinte fui à sua casa, literalmente correndo. Ela não morava num sobrado como eu, e sim numa casa. Não me mandou entrar. Olhando bem para os meus olhos, disse-me que havia emprestado o livro a outra menina, e que eu voltasse no dia seguinte para buscá-lo. Boquiaberta, saí devagar, mas em breve a esperança de novo me tomava toda e eu recomeçava na rua a andar pulando, que era o meu modo estranho de andar pelas ruas do

Recife. Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.

Mas não ficou simplesmente nisso. O plano secreto da filha do dono da livraria era tranqüilo e diabólico. No dia seguinte, lá estava eu à porta de sua casa, com um sorriso e o coração batendo. Para ouvir a resposta calma: o livro ainda não estava em meu poder, que eu voltasse no dia seguinte. Mal sabia eu como mais tarde, no decorrer da vida, o drama do "dia seguinte" com ela ia se repetir com meu coração batendo.

E assim continuou. Quanto tempo? Não sei. Ela sabia que era tempo indefinido, enquanto o fel não escorresse todo o seu corpo grosso. Eu já começara a adivinhar que ela me escolhera para eu sofrer, às vezes adivinho. Mas, adivinhando mesmo, às vezes aceito: como se quem quer me fazer sofrer esteja precisando danadamente que eu sofra.

Quanto tempo? Eu ia diariamente à sua casa, sem faltar um dia sequer. Às vezes ela dizia: pois o livro esteve comigo ontem de tarde, mas você só veio de manhã, de modo que o emprestei a outra menina. E eu, que não era dada a olheiras, sentia as olheiras se cavando sob os meus olhos espantados.

Até que um dia, quando eu estava à porta de sua casa, ouvindo humilde e silenciosa a sua recusa, apareceu sua mãe. Ela devia estar estranhando aquela aparição muda e diária daquela menina à porta de sua casa. Pediu explicações a nós duas. Houve uma confusão silenciosa, entrecortada de palavras pouco elucidativas. A senhora achava cada vez mais estranho o fato de não estar entendendo. Até que essa mãe boa entendeu. Voltou-se para a filha e com enorme surpresa exclamou: mas este livro nunca saiu daqui de casa e você nem quis ler!

E o pior para essa mulher não era a descoberta do que acontecia. Devia ser a descoberta horrorizada da filha que tinha. Ela nos espiava em silêncio: a potência de perversidade de sua filha desconhecida e a menina loura em pé à porta, exausta, ao vento das ruas de Recife. Foi então que, finalmente se refazendo, disse firme e calma para a filha: você vai emprestar o livro agora mesmo. E para mim: "E você fica com o livro por quanto tempo quiser". Entendem? Valia mais do que me dar o livro: "pelo tempo que eu quisesse" é tudo que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer.

Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo.

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardava o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada.

Às vezes, sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo.

Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com seu amante.